

## sangue novo

# Rapper angolano Kizua fala de África e de Brasil

Andressa Pufal

O primeiro EP de Kizua Trindade, *Lá no Bairro*, nos apresenta uma sonoridade forte, potente, rasgante e profunda. Uma potência musical e de mensagem construída por um jovem angolano que imigrou para o Brasil e se viu modificado pela nossa dura realidade: o racismo. Nascido em Lubango, um município do sudoeste angolano, Kizua se mudou para a capital Luanda aos 7 anos, e há 13 veio morar em terras tupiniquins.

Chegando por aqui, o artista se deparou com um racismo muito diferente do vivido no país africano. Em Angola, a colonização portuguesa deixou marcas profundas na população, tanto na economia, quanto na vida particular. Se o

Brasil, que se “libertou” dos colonizadores no século XIX, ainda sente os efeitos daqueles tempos, Angola vive com as mazelas do imperialismo ainda bufando na nuca - afinal, só em 1975 o país conseguiu se livrar da dominação portuguesa, através da Luta Armada de Libertação Nacionais.

Entretanto, o racismo foi mais sentido pelo angolano em terras brasileiras. “Em Angola, como a maioria da população é preta, nós não precisamos pensar sobre racismo diariamente. Se alguém te trata mal, a gente acha que a pessoa é só mal educada. Aqui, há esse recorte de raça”, avalia.

Por isso, Kizua tem usado o rap como instrumento de denúncia e elaboração do que tem vivido no país latino. Se o rap angolano é tido mais como uma *egotrip*,



FRAN BECK/DIVULGAÇÃO/JC

Kizua Trindade migrou para o Brasil há 13 anos; EP de estreia *Lá no Bairro* fala do racismo que encontrou por aqui

como define o cantor, o brasileiro, marcado pelas questões sociais, é uma ferramenta de mudança social. E foi nessa mescla que nasceu a sonoridade kizuana: um disco que, ao longo de seis faixas, é marcado por relatos da vida de um jovem que busca vencer, apesar das dificuldades sociais.

A faixa que dá nome ao EP traz Kizua cantando ao lado do nigeriano Idowú Akinrúli, acompanhado do violino de Cibele Bartz. “Foi uma canção que nasceu da minha última ida a Angola”, comenta. Ao observar o que mudou e o que continuou igual no local onde cresceu, o artista dispara:

“rostos tristes, castelos de lata e contos sem final feliz.”

O artista, porém, encerra o EP em uma outra pegada: *Olhos Café* é cheia de *groove* e *flow*. Nela, Kizua deixa a sua mensagem final: “Mãe África, hoje, não chora mais. Teus filhos estão de pé resgatando teu tesouro.”

## qual é a boa?

Toda semana, a equipe de redação do Jornal do Comércio vem com sugestões para melhor aproveitar a vida cultural de Porto Alegre no final de semana. Nesta edição, dá para curtir música ao vivo, dançar em uma festa alternativa, visitar exposições e muito mais



Gosto de fazer, sempre que possível, um giro pelos museus e centros culturais de Porto Alegre - um compromisso comigo mesmo que, aliás, está um pouquinho atrasado. Neste final de semana, pretendo começar a corrigir essa falha, dando uma passada na Galeria do Multipalco Eva Sopher para conferir a mostra *Theatro São Pedro Para Sempre*, que traz um pouco do rico acervo de um lugar simbólico para as artes no Estado. Em um percurso expositivo em quatro núcleos, dá para ter uma boa visão da história do *Theatro* e de tudo que se fez e faz, desde a época da guerreira Eva Sopher, para que esse legado siga de pé. É de graça, todos os dias, das 10h às 20h, até 2 de agosto.

**Igor Natusch,**  
editor de Cultura do JC



Dia 13 de junho é dia de Santo Antônio e também de curtir o Baile Brasa! O Espaço Cultural 512 escolheu este sábado para receber o público em mais uma edição de uma das festas mais tradicionais e queridas de Porto Alegre. A partir das 21h, os DJs Kafu Silva, Fausto Barbosa e Vagner Medeiros comandam a pista com uma seleção que mistura samba, axé, MPB e muito *groove*. A festa acontece na Rua João Alfredo, 512, na Cidade Baixa, e os ingressos antecipados têm desconto. Tem mais: nesta edição, geminianos entram de graça! Além disso, o @bailebrasa no Instagram está sorteando 10 pares de ingressos. Acessa lá para conferir as regras da promoção e faz a tua fé.

**Cristine Pires,** Editora-assistente de Economia



Está a fim de um programa cultural de graça pro domingão? A Orquestra da Ulbra vai ocupar a Associação Leopoldina Juvenil para a apresentação de mais um Domingo Clássico, celebrando ninguém menos que a genial Chiquinha Gonzaga. O maestro Tiago Flores e a pianista Olin da Allessandrini comandam o espetáculo, que ainda traz ritmos nordestinos do Movimento Armorial e clássicos internacionais de Holst e Bloch. É aquela mistura perfeita de erudição com a alma do Brasil, perfeita para curtir o final de semana. A entrada é franca, mas tem que retirar o ingresso pelo Sympla.

**Adriana Lampert,**  
repórter de Cultura-JC



Tem coisa mais brasileira do que futebol, samba e empreendedorismo, tudo no mesmo lugar? Essa é a proposta do Samba da Figa. Neste sábado, a edição ocupa a Travessa do Passarinho, em frente à Casa de Cultura Mario Quintana. Já fui a algumas edições no Vila Flores e sempre é uma grata experiência. Para quem é fã de sambas antigos, aqueles de cantar com a mão no peito e abraçar quem está do lado, o programa é certeiro. Além da música, com Grupo Puro Asthral e Samba do Arvoredo, o evento reúne uma feira empreendedora que rende boas descobertas. E é claro que vamos estar na estreia do Brasil na Copa, então terá um telão para transmitir o jogo.

**Júlia Fernandes,**  
repórter do GeraçãoE